



## Geopolítica crítica do filme *Manas*: Uma discussão sobre invisibilidade, violência e resistência feminina na Amazônia

Lucas Brilhante Veloso<sup>1</sup>

Elói Martins Senhoras<sup>2</sup>

### Resumo

O estudo analisa como a geopolítica crítica, ao incorporar a perspectiva de gênero, evidencia desigualdades de poder e a invisibilidade das mulheres nas narrativas de segurança. A partir da evolução da geopolítica clássica e das contribuições feministas, relaciona-se essa abordagem ao contexto brasileiro, marcado por altos índices de violência de gênero, especialmente na Amazônia Legal. A análise do filme *Manas* demonstra como vulnerabilidades territoriais, sociais e políticas se materializam na vida de meninas ribeirinhas, revelando a insuficiência do Estado como provedor de proteção. Conclui-se que gênero atua como eixo estruturante tanto das desigualdades quanto das formas de resistência, e que o cinema constitui importante instrumento de denúncia das estruturas de poder excludentes.

**Palavras chave:** Amazônia; Cinema; Geopolítica crítica; Gênero; Violência de mulheres; Cinema.

### Critical geopolitics in the film *Manas*: A discussion on invisibility, violence, and female resistance in the Amazon

### Abstract

This study examines how critical geopolitics, when incorporating a gender perspective, sheds light on power asymmetries and the invisibility of women within security narratives. Drawing on the evolution of classical geopolitics and feminist contributions, the discussion is situated within the Brazilian context, which is marked by high rates of gender-based violence, particularly in the Legal Amazon. The analysis of the film *Manas* reveals how territorial, social, and political vulnerabilities materialize in the lives of riverside girls, exposing the inadequacy of the State as a provider of protection. The study concludes that gender functions as a structuring axis for both inequalities and forms of

<sup>1</sup> Graduado em Relações Internacionais e Aluno mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Roraima | E-mail: [lastralucas2@gmail.com](mailto:lastralucas2@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Roraima. Doutor em Ciências | E-mail: [eloisenhoras@gmail.com](mailto:eloisenhoras@gmail.com)



resistance, and that cinema serves as an important tool for denouncing exclusionary power structures.

**Keywords:** Amazon; Cinema; Critical geopolitics; Gender; Violence against women.

## Introdução

A geopolítica evoluiu para abordagens críticas que ampliam a compreensão das relações entre território, poder e desigualdades sociais. A geopolítica crítica, ao incorporar dimensões antes negligenciadas, como gênero, revela limites das narrativas tradicionais, frequentemente marcadas pela militarização da cidadania e pela masculinização das estruturas de poder. Nesse contexto, emerge a questão central deste estudo: como a geopolítica crítica, ao incluir a perspectiva de gênero, auxilia na compreensão das desigualdades de poder e da invisibilidade das mulheres, e de que forma o filme *Manas* ilustra essas questões no Brasil? O objetivo geral consiste em analisar a relação entre geopolítica crítica e gênero, demonstrando como *Manas* evidencia a vulnerabilidade das mulheres diante das dinâmicas territoriais, sociais e políticas brasileiras. Para isso, definem-se quatro objetivos específicos: investigar a evolução da geopolítica clássica à crítica com foco no gênero; discutir como a invisibilidade feminina reproduz desigualdades; relacionar a realidade do filme a dados nacionais de violência de gênero; e refletir sobre o cinema como instrumento de denúncia e resistência. A pesquisa utiliza o método dedutivo, apoiando-se em revisão bibliográfica de autores clássicos e críticos da geopolítica, bem como de teóricas feministas que redefinem a noção de segurança ao vinculá-la às relações sociais. Na dimensão empírica, a análise iconográfica e hermenêutica do filme *Manas* demonstra como desigualdades estruturais e omissões estatais se materializam na experiência de meninas ribeirinhas expostas à exploração sexual.

Diante desse panorama, torna-se evidente que a articulação entre geopolítica crítica e gênero é essencial para compreender como desigualdades territoriais, estruturas de poder e omissões estatais produzem vulnerabilidades específicas para as mulheres, especialmente em contextos periféricos como a Amazônia. Assim, ao evidenciar silenciamentos históricos e revelar novas formas de leitura das dinâmicas de segurança e violência, a abordagem oferece bases teóricas e analíticas para interpretar realidades



como a retratada no filme *Manas*, reafirmando a necessidade de incorporar o gênero como categoria central nas reflexões geopolíticas contemporâneas.

## Metodologia

A pesquisa adotou o método dedutivo, partindo das concepções teóricas gerais sobre a evolução da geopolítica clássica até a geopolítica crítica, com ênfase na inserção da perspectiva de gênero, para então aplicar as referenciais à análise do filme *Manas*. Esse percurso permite compreender como categorias amplas de poder, território e invisibilidade das mulheres se materializam em contextos específicos de violência e exclusão social no Brasil. Mais adiante, o levantamento de dados foi realizado a partir de duas vertentes principais: (i) a revisão bibliográfica, que abrange autores clássicos e críticos da geopolítica, como, Ratzel, Lacoste, Dalby e Tuathail, e teóricas feministas que ampliam a noção de segurança e poder a partir das relações de gênero, como Tickner, Valentine e Peterson; e (ii) a consulta a análise de dados, utilizando-se da hermenêutica geográfica, com interpretação com base nas teorias da geopolítica crítica, além de uma análise iconográfica, onde as situações na história internacional relacionadas à política e economia precisaram passar por uma fase cultural para se sobressair (Veloso, 2012). Além disso, a leitura dos relatórios do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), que evidenciam a persistência de altos índices de feminicídio e violência contra mulheres no Brasil, especialmente em regiões periféricas e rurais, já a análise de dados foi conduzida em duas dimensões. Na dimensão teórica, buscou-se identificar como a geopolítica crítica e feminista problematiza a invisibilidade das mulheres nas narrativas de segurança e a geografia, desafiando as premissas do Estado como provedor universal de proteção. Na dimensão empírica, procedeu-se à análise qualitativa do filme *Manas*, enquanto narrativa audiovisual que evidencia as falhas estruturais do Estado brasileiro em garantir segurança, dignidade e cidadania às mulheres, por fim, o cruzamento entre os dados da revisão bibliográfica, e a análise empírica do filme, relaciona-se a realidade concreta de violência de gênero à crítica teórica da geopolítica, ressaltando como gênero funciona como um princípio organizador tanto para desigualdades e de resistência política.



2025

ISBN: 978-65-272-1933-0 DOI: 10.29327/9786527219330.1432055

## **Desenvolvimento**

A geopolítica passou por diversas mutações, e interpretações, durante a sua formação. Desde a geopolítica clássica, em que existe um consenso entre os estudiosos, que a obra de Ratzel para entender a geopolítica clássica, foi, e é, muito mais que necessária, em que o discurso está predominantemente centrado nas relações entre o território e o poder ou, mais precisamente, no território como objeto e meio do poder de Estado. (Messias da Costa, 1992)

Entre as grandes guerras, a geopolítica foi usada como ferramenta de estratégia pela Alemanha, enquanto nos Estados Unidos, durante a Guerra Fria, ganhou força com estratégias baseadas no equilíbrio de poder global. Já no Brasil, intelectuais como Everardo Backheuser e Mário Travassos enfatizaram a centralização do poder e a integração territorial, com projetos como a mudança da capital para Brasília.

Mais adiante, as críticas à geopolítica por seu uso ideológico, especialmente durante o nazismo, e a revitalização da geografia política após a Segunda Guerra Mundial, trouxe vários tipos de análises científicas e interdisciplinares. Na Europa, por exemplo, intelectuais como Yves Lacoste propuseram uma "geopolítica crítica", focada em questões de poder e desigualdades regionais. (Messias da Costa, 1992).

Sendo assim, a interseção entre gênero e geopolítica crítica, enfatiza a invisibilidade das mulheres nas relações internacionais, portanto, para alguns estudiosos da geopolítica crítica, a análise geopolítica deve incluir uma perspectiva de gênero para entender melhor as dinâmicas de poder, e o porquê da invisibilidade das mulheres nas narrativas de segurança e política internacional, onde a geopolítica clássica, foca e uma militarização das definições de cidadania territorial e, conseqüentemente, a masculinização do poder, que tornam as mulheres vulneráveis.

Para Simon Dalby, as mulheres não só são tornadas invisíveis, mas o fato da sua invisibilidade tem sido substancialmente ignorado. E esses silêncios e omissões escondem muito sobre o que constitui a geopolítica e sobre como o poder político funciona à escala global. Logo, desvendar estes silêncios é uma tarefa para qualquer abordagem à geopolítica crítica que seja sensível à complexidade do poder em grande escala e às formações discursivas que representam e reproduzem a política global em numerosos locais. (Dalby, 1994).



2025

ISBN: 978-65-272-1933-0 DOI: 10.29327/9786527219330.1432055

O argumento para a discussão de uma geopolítica de gênero, é a tentativa de ampliar as preocupações da literatura sobre como repensar as relações internacionais nas questões de gênero, com o auxílio da geopolítica crítica, que pode ser amplamente entendida como as práticas intelectuais críticas e pós-estruturalistas de desvendar e desconstruir disfarces geográficos e relacionados as racionalizações de poder (Dalby, 1990; 1993a; Dodds, 1993; OTuathail, 1992; OTuathail e Agnew, 1992; Afiado, 1993; Sidaway, 1994).

As compreensões feministas sobre segurança são frequentemente baseadas em relações sociais, em vez de apenas nas abstrações de entidades geopolíticas (Tiekner, 1992). No caso das feministas neozelandesas nos movimentos pela paz da década de 1980, muitos de seus argumentos políticos entendiam a segurança não em termos de ameaças geopolíticas e perigos militares, mas sim em termos das relações sociais do patriarcado (Dalby, 1993a). Assim, algumas ideias feministas desafiam a ideologia da família ao sugerir que os espaços privados são "seguros" devido à presença de um protetor masculino, enquanto os espaços públicos são perigosos para as mulheres (Valentine, 1992), visto que, é extensão dos argumentos de que o Estado não protege realmente todos os seus cidadãos, ao mesmo tempo em que oferecem proteção contra os perigos além dos limites do Estado.

Para Dalby, essa mudança de foco questiona a premissa básica de que os Estados realmente garantem a segurança de suas populações, e ao colocar diretamente a questão de "segurança de quem?", as críticas feministas desafiam as presunções territoriais dos Estados (Peterson, 1992b). Desafiar o status quo da geopolítica, é também recusar a geopolítica de segurança ao Estado, à maneira hobbesiana, e adiar o soberano absoluto (Dolan, 1991; Paggi e Pinzauti, 1985). Ao desafiar os Estados, existe uma subversão da lógica de que os Estados são provedores de segurança para a comunidade como um todo.

A geopolítica no Brasil não se fez apenas no campo da academia, de uma maneira um tanto equivocada, e voltada para o desbravamento do interior do país, para garantir a demarcação dos territórios, a soberania nacional, e o lucro, os militares colocaram suas doutrinas geopolíticas em prática, especialmente em relação à Amazônia. Em 1966, o governo lançou a Operação Amazônia, cujo próprio nome





2025

ISBN: 978-65-272-1933-0 DOI: 10.29327/9786527219330.1432055

refletia o pensamento de estilo militar e a agressividade objetiva da doutrina geopolítica brasileira. A iniciativa visava aumentar a população da região e impulsionar o ritmo de sua economia, estradas que ligavam a Amazônia ao resto do país foram modernizadas e novas foram iniciadas. Uma nova agência de desenvolvimento, a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia, e um novo banco de desenvolvimento regional, o Banco da Amazônia, foram criados. Isenções fiscais para investimentos na Amazônia foram instituídas. A cidade de Manaus foi declarada zona franca. (Foresta, 1992). Porém, o "povoamento" militar da Amazônia não deu certo, o governo militar, ao invés de desenvolver a região de forma sustentável, priorizou a ocupação e exploração predatória, levando ao desmatamento em larga escala, à concentração fundiária, à violência contra os povos indígenas e extrativistas e à falta de infraestrutura básica para as populações que se deslocaram para a região. A estratégia de "integrar para não entregar" resultou em um modelo de ocupação insustentável que não resolveu os problemas sociais e econômicos da região, agravando o isolamento de algumas comunidades e a concentração de recursos nas mãos de poucos.

Nesse contexto, o Brasil vem tratando de discussões sobre Estado soberano, e como a geopolítica local é importante para o comércio, mas o mesmo Estado brasileiro acaba por esquecer que questões geopolíticas não visam apenas as questões diplomáticas, e lucros, visto que, o país registrou um novo recorde em 2024 de feminicídios, estupros e estupros de vulnerável, a maioria das vítimas mulheres negras. O anuário, elaborado por pesquisadores do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), é baseado em informações fornecidas pelos governos estaduais, pelo Tesouro Nacional, pelas polícias civil, militar e federal e fontes oficiais da Segurança Pública. O mesmo FBSP divulgou que as taxas são piores na Amazônia Legal, sendo 30% superior ao restante do país, o estudo apontou ainda que áreas classificadas como remotas e rurais apresentaram taxas de feminicídios ainda mais elevadas que as áreas urbanas.

No caso, são mulheres que estão a quilômetros de distância, às vezes no interior da floresta, em locais em que não conseguem se deslocar, essas mulheres que, por exemplo, não têm acesso a uma rede de proteção mais estruturada, delegacias da mulher, ou mesmo redes do estado de modo geral, não apenas a segurança pública: educação, saúde, assistência social. É nesse contexto em que o filme 'Manas' apresenta-se como



2025

ISBN: 978-65-272-1933-0 DOI: 10.29327/9786527219330.1432055

uma pepita para discutir a questão da geopolítica de gênero, o filme é inspirado nos casos de exploração sexual infantil na Ilha do Marajó, no Pará. Conta a história da garota de 13 anos Tielle (Jamilli Correa), que vive em uma comunidade ribeirinha, em uma casa de palafita, vivem ela, seu pai Marcílio (Rômulo Braga), a mãe Danielle (Fátima Macedo) e três irmãos menores, além disso, a família sofre com insegurança alimentar e compartilha o quarto para dormir. Com a chegada da puberdade, Tielle é incentivada por uma amiga a vender açaí nas balsas da região. Lá, a garota passa a ser explorada sexualmente por um dos tripulantes, que paga o programa com comida e alguns trocados. Porém, ela sofre a mesma violência em casa, onde seu pai a submete a abusos e assédios.

A diretora do filme, Marianna Brennand explica que “Através de uma história que é muito específica, dentro de um contexto geográfico e socioeconômico particular, a gente fala a todas as mulheres. Infelizmente é raro você encontrar uma mulher que não tenha sofrido algum tipo de violência ao longo da vida. Então me interessava muito que, através da Marcielli, do despertar e da busca de liberdade para sair dessa situação, a gente pudesse também falar com outras mulheres.”

Conquanto, a relação entre a política das esferas 'privada' e 'doméstica' liga-se diretamente em questões de geopolítica e nas estratégias territoriais, não apenas de guerras. No passado, a própria América Latina, viu-se com muitas mulheres torturadas e estupradas como uma estratégia de intimidação estruturada em torno de tentativas explícitas de mudar sua identidade política à força de "mãe virtuosa" para "prostituta vilipendiada" e, no processo, desacreditar sua posição política de oposição aos Estados de segurança nacional (Scarpaci e Frazier, 1993). No filme, a protagonista não aceita a falta de segurança que o Estado lhe provém, e decide agir com as próprias mãos, e discernimento, para sair daquela situação de exploração sexual tanto pelo Estado, que não ampara, quanto contra o sistema do capitalismo, que destrói seus sonhos de jovem garota, e neste contexto, o gênero também funcionou como um princípio organizador da resistência política.



2025

ISBN: 978-65-272-1933-0 DOI: 10.29327/9786527219330.1432055

Figura 1 – Filme ‘Manas’.



Fonte: Folha de Pernambuco.

## Considerações finais

A análise evidencia que a geopolítica, inicialmente centrada no território e no poder estatal, evoluiu para incluir perspectivas críticas que desconstruem narrativas de dominação e exclusão. A partir da contribuição de estudiosos como Yves Lacoste e Simon Dalby, percebe-se a necessidade de integrar a dimensão de gênero às discussões geopolíticas, revelando como a invisibilidade das mulheres reforça desigualdades e perpetua vulnerabilidades. No contexto brasileiro, a prática geopolítica, marcada pelo militarismo e pela exploração predatória da Amazônia, também dialoga com problemas sociais graves, como o aumento da violência contra mulheres, sobretudo negras e residentes em áreas remotas. O filme *Manas* ilustra, de forma simbólica e crítica, como as violências estruturais se inscrevem nos corpos femininos, articulando território, poder e desigualdade social. Contudo, o trabalho, embora relevante, apresenta limitações por basear-se sobretudo em referenciais teóricos e análises documentais, sem a inclusão de estudos de campo ou relatos empíricos das populações diretamente afetadas. Além disso, o enfoque se concentra em determinados autores e experiências, o que pode restringir a pluralidade de perspectivas feministas e interseccionais sobre a geopolítica de gênero. Sendo assim, a ampliação de investigações empíricas em comunidades afetadas pela violência de gênero em contextos da territorialidade, especialmente na Amazônia Legal, assim como, estudos comparativos entre diferentes países da América Latina poderiam enriquecer a compreensão das relações entre gênero, Estado e soberania. Portanto, os





2025

ISBN: 978-65-272-1933-0 DOI: 10.29327/9786527219330.1432055

resultados apontam que a geopolítica, ao ser repensada sob a perspectiva de gênero, revela dimensões ocultas das relações de poder e desafia as narrativas tradicionais do Estado como garantidor universal de segurança, a análise demonstra que, ao contrário, o Estado pode reproduzir exclusões e violências, tornando urgente a construção de leituras críticas que considerem as desigualdades de gênero como estruturantes das dinâmicas políticas e territoriais, e nesse sentido, o estudo conclui que incorporar o gênero às análises geopolíticas não é apenas um exercício teórico, mas uma necessidade para compreender e transformar as práticas de poder que moldam o espaço global e local.

## Referências

BECKER, Bertha K. Geopolítica da Amazônia. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 19, n. 53, p. 71-86, abr. 2005.

BRENNAND, Marianna.” **MANAS**”. São Paulo, Lisboa: Paris Filmes, 2022.

DALBY, B. K. Gender and critical geopolitics: **Reading security discourse in the new world disorder**, Department of Geography, Cnrlcton University, 1125 Colonel By Drive, Ottawa, Ontario K1S5B6, Canada, Received 12 July 1993; in revised form 14 February 1994.

FORESTA, R.A. Amazonia and the Politics of the Geopolitics. *Geographical Review*, Vol. 82, No. 2 (Apr., 1992), pp. 128-142

MESSIAS DA COSTA, W. Geografia Política e Geopolítica. **Discursos sobre Poder**. São Paulo, Brasil, Editora Huvitec.

PINHONI, M. “**Taxas de feminicídio e estupros na Amazônia Legal são mais de 30% superiores à média nacional**”. *GI*, 23 de setembro, 2025. Disponível em: <www.g1.globo.com.br> Acessado em: 21/11/2017.

“**País tem novo recorde de casos de feminicídios e estupros, diz FBSP**”. SINDICATO NACIONAL DOS DOCENTES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR, 23 de setembro, 2025. Disponível em: < www.andes.org.br> Acessado em: 23/09/2025.

## Agradecimentos

Ao Programa de Apoio à Pós-graduação (PROAP/CAPES) e da Descentralização Financeira da Matriz Orçamentária da UFRR.